

o herói das eras

saga mistborn - nascida nas brumas / livro três
brandon sanderson

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



O IMPÉRIO FINAL

- 1 LUTHADEL
- 2 POÇOS DE HATHSIN 3 URTEAU 4 CIDADE DE FADEx
- 5 TREMREDARE 6 TATHINGDWEN 7 CONVENTÍCULO DE SERAN
- 8 MONTE DERYTATITH, LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA DO POÇO DA ASCENÇÃO

- MONTES DE CINZA:
- 9 TYRIAN
 - 10 ZERINAH 11 FALEAST 12 DORIEL
 - 13 MORAG 14 KALLING 15 TORINOST

- 16 LAÇO TYRIAN
- 17 LAÇO LUTHADEL
- 18 LAÇO NEGRO
- 19 RIO SEARAN

- 20 SEARAN NORTE
- 21 SEARAN SUL
- 22 RIO CHANNEREL



- 1 AQUEDUTO DO LORDE FEDRE
- 2 RUAS BRANCAS
- 3 CANTÃO DA INQUISIÇÃO
- 4 CASA DO CIDADÃO
- 5 EDIFÍCIO DA JUNÇÃO
- 6 ANTIGA PRAÇA DA CIDADE
- 7 CANTÃO DA ORTODOXIA

RIBEIRO DA RUA OESTE

REGOS

URT



EAU



- 1 CANTÃO DOS RECURSOS
- 2 ENFERMARIA
- 3 CASA DE LENTORRÁPIDO
- 4 FORTALEZA ORIELLE
- 5 PORTAS DA CIDADE
- P POÇOS

CIDADE DE FADREX

SUMÁRIOS DOS LIVROS ANTERIORES

LIVRO UM



O **LIVRO O IMPÉRIO FINAL** introduz o Império Final, uma terra governada por um poderoso imortal conhecido como Senhor Soberano. Mil anos antes, o Senhor Soberano tomou o poder no Poço da Ascensão e, supostamente, derrotou uma poderosa força ou criatura conhecida apenas como Profundezza.

O Senhor Soberano conquistou o mundo conhecido e fundou o Império Final. Governou durante mil anos, esmagando todos os resquícios dos reinos, culturas, religiões e línguas originais, que antes existiam nas suas terras. No seu lugar, pôs em pé o seu próprio sistema. Certas pessoas foram apelidadas de “skaa,” uma palavra que tinha um significado algo semelhante a escravo ou camponês. A outras pessoas chamou nobres, e a maioria destas era descendente dos que tinham apoiado o Senhor Soberano durante os seus anos de conquista. O Senhor Soberano ter-lhes-ia dado o poder da alomância a fim de obter poderosos assassinos e guerreiros com inteligência, em contraponto com os brutais colossos, e usou-os bem na conquista e manutenção do seu império.

Os skaa e a nobreza estavam proibidos de se cruzar. Durante os mil anos do reinado do Senhor Soberano, ocorreram muitas rebeliões entre os skaa, mas nenhuma teve sucesso.

Por fim, um nascido nas brumas mestiço conhecido como Kelsier decidiu desafiar o Senhor Soberano. Outrora o mais poderoso cavaleiro ladrão do Império Final, Kelsier era conhecido pelos seus planos ousados. Estes, contudo, acabaram por levar à sua captura, e ele foi enviado para o campo de morte do Senhor Soberano nos Poços de Hathsin, a origem secreta do átio.

Dizia-se que nunca ninguém escapara vivo dos Poços de Hathsin — mas foi isso mesmo que Kelsier fez. Obteve os poderes de nascido nas brumas durante essa época e conseguiu libertar-se, conquistando o título de “Sobrevivente de Hathsin.” Nessa altura, afastou-se do seu com-

portamento egoísta e decidiu tentar pôr em prática o mais ousado dos seus planos até então: o derrube do Império Final.

Recrutou uma equipa de ladrões, na sua maior parte brumeiros mestiços, para o ajudar a alcançar esse objetivo. Durante essa época também descobriu uma jovem mestiça nascida nas brumas chamada Vin. Vin estava ainda inconsciente dos seus poderes, e Kelsier levou-a para o bando para a treinar, em teoria a fim de ter alguém a quem transmitir o seu legado.

O bando de Kelsier foi lentamente reunindo um exército clandestino de rebeldes skaa. Apesar dos progressos, o bando começou a interrogar-se sobre se Kelsier estaria a preparar-se para se transformar noutro Senhor Soberano. Ele procurava transformar-se em lenda entre os skaa, tornando-se para eles uma figura quase religiosa. Ao mesmo tempo, Vin — que fora criada nas ruas por um irmão cruel — começou pela primeira vez na vida a confiar nas pessoas. Ao mesmo tempo que isso acontecia, Vin começava a acreditar em Kelsier e no seu propósito.

Antes ainda de dominar os seus talentos alomânticos, Vin foi usada como espia entre a nobreza e treinada para se infiltrar nos seus bailes e festas, desempenhando o papel de “Valette Renoux,” uma jovem nobre do campo. Durante o primeiro desses bailes, conheceu Elend Venture, um jovem nobre idealista e herdeiro da sua Casa. Este acabou por convencê-la de que nem todos os nobres mereciam a má reputação que tinham, e os dois apaixonaram-se, apesar dos esforços de Kelsier.

O bando também descobriu um diário, aparentemente escrito pelo próprio Senhor Soberano durante os tempos anteriores à Ascensão. Esse livro pintava uma imagem diferente do tirano — mostrava um homem melancólico e cansado, que estava a tentar fazer o que podia para proteger as pessoas contra a Profundeza, apesar de na verdade não a compreender.

No fim, revelou-se que o plano de Kelsier fora muito mais lato do que simplesmente usar um exército skaa para derrubar o império. Em parte, o esforço de recrutar tropas forneceu uma oportunidade para espalhar rumores sobre si. Ele também as usou para treinar o bando nas artes da liderança e da persuasão. A verdadeira extensão do seu plano foi revelada quando ele sacrificou a vida de uma forma muito visível, tornando-se mártir para os skaa e convencendo-os finalmente a revoltar-se e a derrubar o Senhor Soberano.

Um dos membros do bando de Kelsier — um homem que fizera o papel de “Lorde Renoux,” tio de Valette — revelou ser um kandra chamado OreSeur. OreSeur tomou a forma de Kelsier, e depois andou pela cidade a criar rumores sobre Kelsier ter regressado da tumba, inspirando mais os skaa. Depois disto, o Contrato de OreSeur passou para Vin.

Foi Vin quem acabou por matar o Senhor Soberano. Descobriu que ele não era realmente um deus, ou mesmo imortal — simplesmente descobrira uma forma de prolongar a sua vida e poder através do uso simultâneo da alomância e da feruquimia. Não era ele o herói do livro de registos — era, pelo contrário, o criado desse homem, um feruquimista de grande poder. Mesmo assim, era muito mais forte do que Vin na alomância. Enquanto o combatia, Vin obteve, sem saber como, poder das brumas, queimando-as em vez dos metais. Ainda não sabe porquê ou como isso aconteceu. Com esse poder — e conhecedora da verdadeira natureza do adversário —, Vin foi capaz de derrotar e matar o Senhor Soberano.

O Império Final foi mergulhado no caos. Elend Venture tomou o controlo de Luthadel, a capital, e colocou o bando de Kelsier nas principais posições do governo.

LIVRO DOIS



O POÇO DA ASCENSÃO descreve como o recém-nascido reino conseguiu sobreviver durante um ano sob a liderança de Elend. Elend pôs em funcionamento um tipo de parlamento, chamado Assembleia, e deu-lhe bastante poder. Embora Elend mostrasse competência nas teorias da liderança, faltava-lhe experiência prática. O seu governo tornou-se instável quando os vários membros da Assembleia começaram a lutar pelo poder.

Rumores sobre a reserva de átio do Senhor Soberano — combinados com a recompensa constituída por Luthadel, a maior cidade do império — acabaram por atrair vários predadores para o Domínio Central.

O pior de entre eles era Straff Venture, o próprio pai de Elend. Straff fez marchar um exército de tamanho considerável para Luthadel, trazendo secretamente consigo um filho nascido nas brumas chamado Zane. Felizmente para Luthadel, Brisa conseguiu convencer um segundo exército — liderado por Ashweather Cett — a marchar também contra a cidade. Surpreendido pela presença do outro, cada tirano apercebeu-se de que não se poderia dar ao luxo de atacar a cidade, pois em seguida ficaria vulnerável ao outro exército. Por isso instalaram-se para um cerco, mais preocupados um com o outro do que com Elend.

Por esta altura, uma Guardiã chamada Tindwyl chegou a Luthadel. Sazed convidara-a para vir ajudar Elend a aprender a ser um rei melhor. Ela trabalhou com ele, tentando ensinar-lhe a temperar o idealismo com um certo grau de realismo. Elend convenceu o bando a ajudá-lo a lançar Straff e Cett um contra o outro, com o objetivo final de os levar ao combate. Elend esperava que, se os dois invasores enfraquecessem os seus exércitos combatendo entre si, as suas forças — de longe as mais pequenas das três — poderiam derrotar o que restasse. Começou a reunir-se com Straff e Cett, tentando manipulá-los. Durante essas manobras, porém, uma facção na Assembleia conseguiu depô-lo através de uma lei que ele próprio escrevera.

Elend recusou-se a permitir que o seu exército retomasse o controlo da cidade, uma decisão que Tindwyl e o bando julgaram ser de um idealismo tolo. Em vez disso, decidiu fazer o jogo político e tentar convencer a Assembleia a devolver-lhe a coroa.

Enquanto tudo isto decorria, Vin tinha os seus próprios problemas. Descobriu um misterioso “espírito das brumas” que saía durante a noite e a observava. Reparou que o autor do livro de registos — Alendi — vira uma manifestação semelhante antes de chegar ao Poço da Ascensão. E além disso, Vin começou a ouvir estranhos batimentos quando queimava bronze.

As emoções de Vin a respeito de Elend e do seu valor para ele passaram por bastante turbulência. Amava-o, mas não pensava que os dois fossem certos um para o outro. Temia ser demasiado brutal e não ser suficientemente política para dar uma boa esposa para ele. Zane, o filho nascido nas brumas de Straff e meio-irmão de Elend, que passou muitas noites a medir forças com Vin, tentando-a e interpondo uma cunha entre ela e Elend, complicava tudo isto. Vin começou a depender do kandra

OreSeur, que devia — por ordem de Elend — permanecer sempre a seu lado e cuidar dela. Os dois tornaram-se amigos, apesar da antipatia inicial que nutriam um pelo outro.

Mais ou menos por esta altura, Sazed regressou a Luthadel, depois de descobrir factos muito alarmantes durante as suas deambulações. Em primeiro lugar, parecia que as brumas começavam a surgir durante o dia. Em segundo lugar, as brumas estavam a fazer com que as pessoas adoecessem e morressem, não se sabia como. Em terceiro lugar, havia um grande exército de colossos em marcha para Luthadel, liderado por Jastes Lekal. Sazed começou a trabalhar na pesquisa sobre esses assuntos, bem como na tradução de uma estranha inscrição que descobrira no Sul enquanto viajava com Marsh. Veio a revelar-se que esta inscrição registava as últimas palavras de Kwaan, um erudito que — uns mil anos antes — estivera profundamente envolvido com Alendi, Rashek e as profecias de Terris. Sazed também começou a interagir com Tindwyl, que reprovava a sua natureza rebelde mas nutria sentimentos profundos por ele.

A campanha de Elend na Assembleia falhou e quem esta elegeu rei no lugar de Elend foi Ferson Penrod. Estranhamente, contudo, ser deposto fez finalmente Elend começar a compreender o que significava ser um rei e um líder. Começou a mesclar a sua filosofia de justiça com o que Tindwyl estava a ensinar-lhe e começou realmente a ser um líder inspirador e eficaz — mesmo que já não estivesse no trono. No entanto, os problemas da cidade pioraram ainda mais quando os colossos de Jastes Lekal chegaram. Depressa se tornou claro que ele só detinha um controlo marginal sobre aquelas bestas assassinas.

Algum tempo depois, Zane incentivou Vin a lançar um assalto contra a base de Cett dentro de Luthadel. (Cett entrara para fazer uma jogada sua pelo trono.) Ela e Zane abriram um caminho sangrento até ao andar superior da fortaleza, onde Vin teve um colapso devido àquilo que acabara de fazer. Fugiu, deixando Cett vivo. Pouco depois, Zane atacou-a, levado à loucura por estranhas vozes que ouvia na sua cabeça. Vin e Zane lutaram e OreSeur revelou ser um espião, outro kandra chamado TenSoon, que matara o verdadeiro OreSeur e se fizera passar por ele. Vin conseguiu matar Zane, apesar de ele ter átio, e depois correu para Elend. Com os problemas emocionais em remissão, conseguiu convencer Sazed a casá-la com Elend.

Após o seu quase assassinato, Cett retirou-se de Luthadel e afastou o exército do cerco. As tentativas que Elend levou a cabo para forçar Jastes a retirar não tiveram sucesso. Fora da cidade, Straff apercebeu-se de que, se se limitasse a afastar-se, os colossos iriam provavelmente atacar e destruir a cidade — deixando Straff livre para regressar e tomar o controlo assim que as bestas ficassem exaustas em combate.

Muitos dos membros do bando compreenderam que seria aquilo que aconteceria. Sazed convenceu-os de que deviam mentir a Vin e a Elend, dizendo-lhes que a cidade ficaria em segurança e enviando-os para norte em busca do Poço da Ascensão. Este estratagema foi bem-sucedido. Vin e Elend partiram, levando Susto consigo, e na ausência deles os colossos finalmente atacaram. O exército da cidade combateu bem, com o próprio Sazed a manter o controlo de uma das portas da cidade contra forças muitíssimo superiores. Durante o combate, o Coxo, Dockson e Tindwyl foram mortos. Quando os colossos andavam de um lado para o outro a destruir tudo, Vin regressou à cidade, depois de ser informada por Susto de que tinha sido enganada.

Vin explorou um ponto fraco alomântico nos colossos que lhe fora revelado pelo kandra TenSoon/OreSeur, tomando o controlo dos colossos da mesma forma que o Senhor Soberano o tomara outrora. Usou esses colossos para atacar o exército de Straff quando ele regressou e, no último momento, Cett juntou-se-lhe. Com Straff morto, Vin forçou Penrod, Cett e o segundo-comandante de Straff a jurar lealdade a Elend, nomeando-o imperador.

A cidade foi salva. Porém, Vin continuou a ouvir os estranhos batimentos na mente. Convencera-se de que ela — e não o antigo homem chamado Alendi — era o Herói das Eras. Depressa se apercebeu de que o Poço da Ascensão não ficava realmente nas montanhas do Norte, mas sim por baixo de Luthadel. Ela e Elend investigaram a ideia, descobrindo que, por baixo de Kredik Shaw, havia uma grande caverna secreta cheia de comida armazenada. Após essa caverna havia outra, cheia de fumo escuro. Depois dessa ficava uma lagoa de poder brilhante. O Poço da Ascensão.

Sazed, à superfície, ainda estava abalado com a morte de Tindwyl. Atirara-se aos seus estudos, e descobrira — com grande alarme — que havia algo de muito errado com as profecias. Correu atrás de Vin e de Elend, decidido a impedi-los de tomar o poder no Poço, mas foi blo-

queado por Marsh. Enquanto os dois lutavam, Vin tomou o poder e fez o que julgou ser correto. Embora o espírito das brumas tivesse apunhalado Elend, Vin não usou o poder do Poço para o sarar. Em vez disso, libertou-o como as profecias diziam que teria de fazer para impedir as brumas de destruírem o mundo.

Tomou a decisão errada. Uma força escura aprisionada perto do Poço da Ascensão alterara as profecias e levava Vin a fazer o que era necessário para a libertar. A coisa soltou-se, deixando com Vin o horror do que fizera. O espírito das brumas, contudo, forneceu-lhe uma maneira de salvar Elend, transformando-o em nascido nas brumas.

O livro termina com Vin e Elend nas muralhas de Luthadel, depois de salvarem a cidade mas também depois de terem libertado para o mundo uma terrível força. Sazed, esmagado pela morte de Tindwyl, acabara por acreditar que a sua fé não tinha valor nenhum. Susto estava atormentado pela culpa por ter abandonado o Coxo à morte na cidade e tanto Brisa como Ham tinham ficado com cicatrizes emocionais da luta aparentemente sem esperança contra os colossos. A coroar tudo aquilo, como Sazed relatara, as brumas tinham mudado, não se sabia bem como, e agora matavam pessoas que penetravam nelas.

Elend, contudo, estava determinado a consolidar o seu novo império e a arranjar forma de combater o que Vin libertara. Quando ela lhe perguntou o que iam fazer agora, ele só teve uma resposta para lhe dar: iam sobreviver. Custasse o que custasse.

Passou um ano.

PARA JORDAN SANDERSON

*Que pode explicar a quem lhe pergunte
Como é ter um irmão
Que passa a maior parte do tempo a sonhar.*

(Obrigado por me aturares)

AGRADECIMENTOS

Como sempre, devo a um monte de gente um monte de agradecimentos por ajudarem a fazer deste livro o que ele é hoje. Em primeiríssimo lugar, há que fazer referência ao meu editor e ao meu agente — Moshe Feder e Joshua Bilmes — pela sua excepcional capacidade de ajudar um projeto a atingir todo o seu potencial. A minha maravilhosa mulher, Emily, também foi um grande apoio e deu grande ajuda no processo de escrita.

Como anteriormente, Isaac Stewart (*nethermore.com*) fez um belo trabalho com os mapas, símbolos de capítulos e círculo de metais alomânticos. Também aprecio verdadeiramente a arte de Christian McGrath; desta vez resultou na minha favorita pessoal entre as três capas da série Mistborn. Agradeço ao Larry Yoder por ser fantástico e a Dot Lin pelo seu trabalho publicitário na Tor. A Denis Wond e Stacy Hague-Hill pela assistência prestada ao meu editor e aos — como sempre — maravilhosos Irene Gallo e Seth Lerner pela direção artística.

Os leitores alfa deste livro incluíram Paris Elliott, Emily Sanderson, Krista Olsen, Ethan Skarstedt, Eric J. Ehlers, Eric “Mais Presumido” James Stone, Jillena O’Brien, C. Lee Player, Bryce Cundick/Moore, Janci Patterson, Heather Kirby, Sally Taylor, Bradley Reneer, Steve “Já Não Tipo da Livraria” Diamond, General Micah Demoux, Zachary “Susto” J. Kaveney, Alan Layton, Janette Layton, Kaylynn ZoBell, Nate Hatfield, Matthew Chambers, Kristina Kugler, Daniel A. Wells, O Indivisível Peter Ahlstrom, Marianne Pease, Nicole Westenskow, Nathan Wood, John David Payne, Tom Gregory, Rebecca Dorff, Michelle Crowley, Emily Nelson, Natalia Judd, Chelise Fox, Nathan Crenshaw, Madison VanDenBerghe, Rachel Dunn e Ben OleSoon.

Além disso estou grato a Jordan Sanderson — a quem este livro é dedicado — pelo seu incansável trabalho no *website*. O Jeff Creer também fez um ótimo trabalho com a arte para *BrandonSanderson.com*. Apareçam por lá e deem uma vista de olhos!



PRÓLOGO

Marsh lutava por se matar.

A mão tremeu-lhe quando ele tentou invocar a força necessária para se levar a erguê-la, a arrancar o espigão das suas costas e pôr fim à sua vida monstruosa. Desistira de tentar libertar-se. Três anos. Três anos como Inquisidor de Aço, três anos aprisionado nos seus pensamentos. Três anos tinham provado que não havia fuga. Mesmo agora, a mente enevoava-se-lhe.

E depois a *coisa* ganhou o controlo. O mundo pareceu vibrar à sua volta; depois, de súbito, conseguiu ver com clareza. Porque se debatera? Porque se tinha preocupado? Tudo estava como devia estar.

Avançou. Embora já não pudesse ver como os homens normais — afinal de contas, tinha grandes espigões espetados nos olhos —, conseguia detetar a sala à sua volta. Os espigões projetavam-se-lhe da parte de trás do crânio; se erguesse a mão para tocar a nuca, conseguiria tatear as pontas aguçadas. Não havia sangue.

Os espigões davam-lhe poder. Tudo estava delineado em finas linhas alomânticas azuis que realçavam o mundo. A sala era de um tamanho modesto, e vários companheiros — também delineados a azul, com linhas alomânticas que apontavam para os metais contidos no próprio sangue — esperavam em pé com Marsh. Todos tinham espigões espetados nos olhos.

Todos, isto é, exceto o homem amarrado à mesa que estava à sua frente. Marsh sorriu, erguendo um espigão da mesa a seu lado e sopeando-o. O prisioneiro não estava amordaçado. Isso teria impedido os gritos.

— Por favor — sussurrou o prisioneiro, tremendo. Até um mordomo terrisano quebrava quando era confrontado com a sua morte violenta. O homem debateu-se debilmente. Estava numa posição muito incómoda, pois fora amarrado à mesa em cima de outra pessoa. A mesa fora concebida para isso, com depressões para acomodar o corpo por baixo.

— Que quereis vós? — perguntou o terrisano. — Não vos posso contar mais nada sobre o Sínodo.

Marsh passou os dedos pelo espigão de latão, tateando a ponta. Havia trabalho a fazer, mas ele hesitava, desfrutando da dor e do terror na voz do homem. Hesitava para poder...

Marsh ganhou o controlo da sua própria mente. Os cheiros da sala perderam a sua doçura e assaltaram-no com o fedor do sangue e da morte. A sua alegria transformou-se em horror. O prisioneiro era um Guardião de Terris — um homem que passara a vida inteira a trabalhar para bem dos outros. Matá-lo seria não apenas um crime, mas uma tragédia. Marsh tentou ganhar o comando, tentou forçar o braço a erguer-se e a contorná-lo para agarrar o espigão fulcral nas suas costas — a remoção deste matá-lo-ia.

Mas a *coisa* era demasiado forte. A força. Ela tinha controlo sobre Marsh, sem que este soubesse como — e precisava dele e dos outros inquisidores para serem as suas mãos. Estava livre — Marsh ainda a sentia a exultar com isso — mas algo a impedia de afetar muito o mundo sozinho. Uma oposição. Uma força que jazia sobre a terra como um escudo.

A *coisa* ainda não estava completa. Precisava de mais. De algo mais... de algo escondido. E Marsh iria encontrar esse algo, iria trazê-lo ao seu amo. O amo que Vin libertara. A entidade que estivera aprisionada no Poço da Ascensão.

Chamava a si mesma Ruína.

Marsh sorriu quando o prisioneiro começou a chorar; depois deu um passo em frente, erguendo o espigão que tinha na mão. Encostou-o ao peito do homem que chorava. O espigão teria de perfurar o homem, passando pelo coração, e depois ser espetado no corpo do inquisidor amarrado por baixo. A hemalurgia era uma arte suja.

Por isso era tão divertida. Marsh pegou num malho e pôs-se a malhar.

PRIMEIRA PARTE

LEGADO DO SOBREVIVENTE



Sou, infelizmente, o Herói das Eras.



I

FATREN SEMICERROU OS OLHOS e ergueu-os para o sol vermelho, que se escondia por trás da sua perpétua cortina de névoa escura. Cinza negra caía levemente do céu, como nos últimos tempos acontecia quase todos os dias. Os grossos flocos caíam a direito pelo ar estagnado e quente, sem sequer um vestígio de aragem para melhorar o estado de espírito de Fatren. Suspirou, encostando-se ao paredão de terra, olhando para Vetitan. A sua vila.

— Quanto tempo? — perguntou.

Druffel coçou o nariz. Tinha a cara manchada de negro pela cinza. Não pensara muito em higiene nos últimos tempos. Claro, tendo em conta a tensão dos últimos meses, Fatren sabia que também ele não era lá muito agradável à vista.

— Uma hora, talvez — disse Druffel, cuspidando na terra do paredão. Fatren suspirou, erguendo o olhar para a cinza que caía.

— Achas que é verdade, Druffel? O que as pessoas andam a dizer?

— O quê? — perguntou Druffel. — Que o mundo está a acabar?

Fatren confirmou com a cabeça.

— Não sei — disse Druffel. — E não me interessa por aí além.

— Como é que podes dizer isso?

Druffel encolheu os ombros, coçando-se.

— Assim que aqueles colossos cheguem, vou estar morto. Isso é basicamente o fim do mundo para mim.

Fatren silenciou-se. Não gostava de dar voz às suas dúvidas; era ele que devia ser o forte. Quando os senhores tinham abandonado a vila — uma comunidade agrícola, ligeiramente mais urbana do que uma plantação nortenha —, fora Fatren quem convencera os skaa a avançar com os plantios. Fora Fatren a manter afastados os esquadrões de recrutamento. Numa época em que a maior parte das aldeias e das plantações tinham perdido quase todos os homens capazes para um ou outro dos exércitos, Vetitan ainda dispunha de uma população trabalhadora. Isso

custara a maior parte das colheitas em subornos, mas Fatren mantivera as pessoas em segurança.

Quase.

— As brumas hoje não desapareceram até ao meio-dia — disse Fatren em voz baixa. — Estão a ficar até cada vez mais tarde. Viste os plantios, Druff. Não estão bem... não recebem luz suficiente, suponho. Não vamos ter nada para comer este inverno.

— Não vamos durar 'té ao inverno — disse Druffel. — Não vamos durar 'té à noite.

O triste — aquilo que era mesmo desanimador — era que Druffel tinha em tempos sido o otimista. Há meses que Fatren não ouvia o irmão rir. Esse riso fora o som preferido de Fatren.

Nem os moinhos do Senhor Soberano conseguiram arrancar o riso ao Druff, pensou Fatren. Mas estes últimos dois anos conseguiram.

— Fats! — chamou uma voz. — Fats!

Fatren ergueu o olhar quando um rapazinho trepou a pés e mãos a vertente do paredão. Mal tinham concluído a fortificação — a ideia fora de Druffel, antes de desistir mesmo. A vila continha umas sete mil pessoas, o que a tornava razoavelmente grande. Rodear tudo aquilo com um montículo defensivo exigira muito trabalho.

Fatren mal dispunha de mil verdadeiros soldados — fora muito difícil encontrar tantos numa população tão pequena — com mais outros mil, mais coisa, menos coisa, que eram demasiado jovens, demasiado velhos ou demasiado inábeis para combater bem. Não sabia realmente que tamanho teria o exército de colossos, mas tinha de ter mais de duas mil criaturas. Um paredão ia ser muito pouco útil.

O rapaz — Sev — chegou finalmente junto de Fatren, ofegante.

— Fats! — disse Sev. — Vem aí alguém!

— Já? — perguntou Fatren. — O Druff disse que os colossos ainda estavam a uma certa distância!

— Não é um colosso, Fats — disse o rapaz. — Um homem. Anda ver!

Fatren virou-se para Druff, que limpou o nariz e encolheu os ombros. Seguiram Sev em volta da parte interna do paredão, na direção da porta dianteira. Cinza e poeira rodopiavam na terra batida, empilhando-se nos cantos, sopradas pelo vento. Nos últimos tempos não houvera muito tempo para limpezas. As mulheres tinham tido de trabalhar

os campos enquanto os homens treinavam e faziam preparativos para a guerra.

Preparativos para a guerra. Fatren dizia a si mesmo que tinha uma força de dois mil “soldados,” mas o que realmente tinha eram mil camponeses skaa com espadas. É certo que tinham dois anos de treinos, mas possuíam muito pouca verdadeira experiência de combate.

Um grupo de homens estava aglomerado em volta da porta dianteira, em pé sobre o paredão ou encostados a ele. *Talvez tenha errado por gastar tantos dos nossos recursos a treinar soldados*, pensou Fatren. *Se aqueles mil homens tivessem em vez disso trabalhado nas minas, teríamos algum minério para subornos.*

Só que os colossos não aceitavam subornos. Limitavam-se a matar. Fatren estremeceu, pensando em Garthwood. Essa cidade fora maior do que a sua mas tinham sido menos de cem os sobreviventes que conseguiram chegar a Vetitan. Isso fora três meses antes. Fatren esperara, irracionalmente, que os colossos se contentassem em destruir essa cidade.

Não devia ter alimentado tais ilusões. Os colossos nunca ficavam contentes.

Fatren trepou até ao topo do paredão e soldados vestidos com roupa remendada e bocados de couro abriram-lhe espaço. Espreitou por entre a cinza em queda, olhando para uma paisagem que parecia ter sido coberta de profunda neve negra.

Um cavaleiro solitário aproximava-se, trazendo um manto negro e capuz.

— Que te parece, Fats? — perguntou um dos soldados. — Batedor colosso?

Fatren bufou.

— Os colossos não enviariam um batedor, acima de tudo um humano.

— Ele tem um cavalo — disse Druffel com um grunhido. — Mais uma coisa daquelas era útil. — A cidade só tinha cinco. Todos sofriram de subnutrição.

— Mercador — disse um dos soldados.

— Não traz mercadoria — disse Fatren. — E um mercador precisava de ser corajoso para viajar por esta zona sozinho.

— Nunca vi um refugiado com um cavalo — disse um dos homens. Ergueu um arco, olhando para Fatren.

Fatren abanou a cabeça. Ninguém disparou quando o forasteiro se aproximou, avançando sem pressas. Fez parar a montada diretamente em frente das portas da cidade. Fatren orgulhava-se delas. Portas verdadeiras, de boa madeira, montadas no paredão de terra. Obtivera tanto a madeira como boa pedra no solar do senhor, no centro da cidade.

Muito pouco do forasteiro era visível sob o grosso manto escuro que ele usava para se proteger da cinza. Fatren olhou por cima do topo do paredão, estudando o forasteiro, após o que deitou uma olhadela ao irmão, encolhendo os ombros. A cinza caía em silêncio.

O forasteiro saltou do cavalo.

Disparou diretamente para cima, como se fosse propelido por baixo, e o manto soltou-se quando ele levantou voo. Por baixo, usava um uniforme de um branco brilhante.

Fatren praguejou, saltando para trás quando o forasteiro ultrapassou o topo do paredão e aterrou em cima da porta de madeira. O homem era alomante. Um nobre. Fatren esperara que esses não largassem as suas questiúnculas a norte, deixando a sua gente em paz.

Ou pelo menos abandonando-a às suas mortes pacíficas.

O recém-chegado virou-se. Usava uma barba curta e tinha o cabelo escuro muito curto.

— Muito bem, homens — disse ele, caminhando a passos largos no topo da porta com um equilíbrio sobrenatural. — Não dispomos de muito tempo. Ao trabalho. — Saiu da porta para o paredão. Druffel puxou imediatamente pela espada contra o recém-chegado.

A espada saltou da mão de Druffel, atirada ao ar por uma força invisível. O forasteiro agarrou na arma quando ela lhe passou pela cabeça. Virou-a, inspecionando-a.

— Bom aço — disse, com um aceno. — Estou impressionado. Quantos dos vossos soldados estão tão bem equipados? — Fez girar a arma na mão, apresentando o cabo a Druffel para lha devolver.

Druffel olhou para Fatren, confuso.

— Quem é você, forasteiro? — quis saber Fatren com o máximo de coragem que conseguiu arranjar. Não sabia muito sobre a alomância, mas tinha uma certeza considerável de que aquele homem era nascido

nas brumas. Era provável que o forasteiro fosse capaz de matar todos os que estavam no topo do paredão quase sem pensar nisso.

O forasteiro ignorou a pergunta, virando-se para examinar a cidade.

— Este paredão contorna a cidade por completo? — perguntou, virando-se para um dos soldados.

— Hum... sim, senhor — disse o homem.

— Quantas portas existem?

— Só esta, senhor.

— Abre a porta e traz o meu cavalo para dentro — disse o recém-chegado. — Presumo que tenham estábulos, não?

— Sim, senhor — disse o soldado.

Bem, pensou Fatren, descontente, quando o soldado partiu a correr, *este recém-chegado certamente sabe como dar ordens às pessoas*. O soldado de Fatren nem sequer parara para pensar que estava a obedecer a um estranho sem pedir autorização. Fatren viu que os outros soldados já se endireitavam um pouco, perdendo o cansaço. Aquele recém-chegado falava como quem espera que lhe obedçam e os soldados estavam a responder-lhe. Aquele não era um nobre como os que Fatren conhecera quando era criado doméstico no solar do senhor. Aquele homem era diferente.

O forasteiro prosseguiu a contemplação da cidade. Cinza caía no seu belo uniforme branco e Fatren pensou que era uma pena ver o traje a ficar sujo. O recém-chegado acenou de si para si e depois começou a descer pelo lado do paredão.

— Espere — disse Fatren, levando o forasteiro a parar. — *Quem é você?*

O recém-chegado virou-se, olhando Fatren nos olhos.

— O meu nome é Elend Venture. Sou o vosso imperador.

E com aquilo, o homem virou-se e continuou a descer pelo declive. Os soldados abriram-lhe alas; depois, muitos seguiram-no.

Fatren deitou um relance ao irmão.

— Imperador? — resmungou Druffel. Depois cuspiu.

Fatren concordou com o sentimento. O que fazer? Nunca tinha lutado com um alomante; nem sabia bem como começar. O “imperador” certamente desarmara Druffel com bastante facilidade.

— Organizem as pessoas da cidade — disse o forasteiro, Elend Venture, mais à frente. — Os colossos virão do Norte; eles vão ignorar a

porta, trepando o paredão. Quero as crianças e os velhos concentrados na parte mais meridional da cidade. Juntem-nos no mínimo possível de edifícios.

— Para que servirá isso? — perguntou Fatren. Apressou-se a seguir o “imperador”; não via, realmente, nenhuma alternativa.

— Os colossos são mais perigosos quando estão em frenesim de sangue — disse Venture, continuando a caminhar. — Se eles tomarem a cidade, vocês vão querer que passem o máximo possível de tempo à procura da vossa gente. Se o frenesim dos colossos se esgotar enquanto procuram, eles vão ficar frustrados e dedicar-se ao saque. Então, a vossa gente talvez consiga escapular-se sem ser perseguida.

Venture fez uma pausa, após o que se virou para olhar Fatren nos olhos. A expressão do forasteiro era sombria.

— É escassa esperança. Mas é alguma coisa. — E com aquilo, reatou o passeio, descendo a rua principal da cidade.

Atrás, Fatren ouvia os soldados a murmurar. Todos tinham ouvido falar de um homem chamado Elend Venture. Fora quem tomara o poder em Luthadel depois da morte do Senhor Soberano, mais de dois anos antes. As notícias vindas do Norte eram escassas e pouco dignas de confiança, mas a maioria fazia referência a Venture. Ele repelira todos os rivais ao seu trono, chegando ao ponto de matar o próprio pai. Escondera a sua natureza de nascido nas brumas e, segundo se dizia, estava casado com a mulher que matara o Senhor Soberano. Fatren duvidava que um homem tão importante — um homem que provavelmente era mais lenda que facto — tivesse viajado até uma cidade tão humilde no Domínio Meridional, em especial sem vir acompanhado. Nem as minas já tinham grande valor. O forasteiro tinha de estar a mentir.

Mas... ele *era* claramente um alomante...

Fatren apressou-se para conseguir acompanhar o forasteiro. Venture — ou quem quer que fosse — parou à frente de um grande edifício perto do centro da cidade. As antigas instalações do Ministério de Aço. Fatren ordenara que as portas e janelas fossem entaipadas.

— Encontraram as armas aqui? — perguntou Venture, virando-se para Fatren.

Fatren hesitou por um momento. Depois, finalmente, abanou a cabeça.

— Na mansão do senhor.

— Ele deixou armas para trás? — perguntou Venture, surpreendido.
— Achemos que tencionava voltar para as vir buscar — disse Fatren. — Os soldados que deixou cá acabaram por desertar, juntando-se a um exército de passagem. Levaram o que conseguiram transportar. Nós recuperámos o resto.

Venture acenou de si para si, esfregando pensativamente o queixo barbudo enquanto fitava o velho edifício do Ministério. Era alto e agoirento, apesar — ou talvez por causa — do desuso.

— Os vossos homens parecem bem treinados. Não esperava tal coisa. Algum deles tem experiência de batalha?

Druffel bufou baixinho, indicando que pensava que aquele desconhecido não tinha nada de ser tão abelhudo.

— Os nossos homens combateram o suficiente para serem perigosos, forasteiro — disse Fatren. — Uns bandidos pensaram em roubar-nos o governo da cidade. Partiram do princípio de que éramos fracos e seríamos facilmente intimidados.

Se o forasteiro vira as palavras como ameaça, não o mostrou. Limitou-se a acenar com a cabeça.

— Algum de vós combateu colossos?

Fatren trocou um olhar com Druffel.

— Homens que combatem colossos não sobrevivem, forasteiro — acabou por dizer.

— Se isso fosse verdade — disse Venture — eu estaria morto uma dúzia de vezes. — Virou-se para encarar a multidão crescente de soldados e de gente da vila. — Eu ensino-vos o que puder sobre o combate com colossos, mas não temos muito tempo. Quero capitães e chefes de esquadrão organizados junto às portas da cidade dentro de dez minutos. Soldados vulgares devem formar fileiras ao longo do paredão... ensino alguns truques aos capitães e chefes de esquadrão, e eles depois podem levar essas informações aos seus homens.

Alguns dos soldados puseram-se em movimento mas — para seu crédito — a maioria ficou onde estava. O recém-chegado não pareceu ofendido por não obedecerem às suas ordens. Manteve-se em silêncio, fitando a multidão armada. Não parecia assustado nem zangado ou desaprovador. Parecia apenas... régio.

— Senhor — acabou por perguntar um dos capitães dos soldados — vós... trouxestes um exército convosco para nos ajudar?

— Na verdade, trouxe dois — disse Venture. — Mas não temos tempo para esperar por eles. — Olhou Fatren nos olhos. — Escreveu a pedir a minha ajuda. E, como vosso suserano, vim dá-la. Ainda a quer?

Fatren franziu o sobrolho. Nunca pedira ajuda àquele homem — nem a nenhum nobre. Abriu a boca para objetar, mas hesitou. *Ele vai deixar-me fingir que o mandei vir*, pensou Fatren. *Agir assim sempre esteve nos planos. Eu podia abdicar do governo da cidade sem parecer um falhado.*

Nós vamos morrer. Mas, olhando os olhos deste homem, quase consigo acreditar que temos hipótese.

— Eu... não esperava que viésseis sozinho, senhor — deu Fatren por si a dizer. — Fiquei surpreendido por vos ver.

Venture acenou com a cabeça.

— É compreensível. Venha, conversemos sobre tática enquanto os vossos soldados se reúnem.

— Muito bem — disse Fatren. Ao avançar, contudo, Druffel pegou-lhe no braço.

— Que estás tu a fazer? — silvou o irmão. — *Chamaste* este homem? Não acredito.

— Reúne os soldados, Druff — disse Fatren.

Druffel ficou um momento imóvel, depois praguejou baixinho e afastou-se a passos largos. Não parecia ter qualquer intenção de reunir os soldados, portanto Fatren indicou por gestos a dois dos seus capitães para o fazerem. Feito isso, foi juntar-se a Venture, e os dois puseram-se de novo a caminho das portas, depois de Venture ordenar a alguns soldados que seguissem à frente dos dois e mantivessem as pessoas afastadas para que ele e Fatren pudessem conversar com mais privacidade. Cinza continuava a cair do céu, cobrindo de negro a rua, aglomerando-se em cima dos atarracados edifícios de um só piso da cidade.

— Quem é você? — perguntou Fatren em voz baixa.

— Sou quem disse que era — disse Venture.

— Não acredito.

— Mas confia em mim — disse Venture.

— Não. Só não quero discutir com um alomante.

— Isso basta por agora — disse Venture. — Olhe, amigo, tem *dez mil* colossos em marcha contra a sua cidade. Precisa de toda a ajuda que consiga arranjar.

Dez mil?, pensou Fatren, sentindo-se aparvalhado.

— Está ao comando da cidade, presumo? — perguntou Venture.

Fatren sacudiu o estupor.

— Sim — disse. — O meu nome é Fatren.

— Muito bem, Lorde Fatren, vamos...

— Eu não sou lorde nenhum — disse Fatren.

— Bem, acabou de se transformar num — disse Venture. — Pode escolher um apelido mais tarde. E agora, antes de prosseguirmos, tem de conhecer as minhas condições para o ajudar.

— Que tipo de condições?

— Do tipo inegociável — disse Venture. — Se nós ganharmos, irá jurar-me lealdade.

Fatren franziu o sobrolho, parando na rua. Cinza caía à volta dele.

— Então é isso? Pavoneia-se até cá antes de um combate, afirmando ser um grande senhor qualquer, para poder ficar com o crédito da nossa vitória. Porque haveria eu de jurar lealdade a um homem que só conheci há minutos?

— Porque se não o fizer — disse Venture em voz baixa — eu vou limitar-me a tomar o comando na mesma. — E depois continuou a caminhar.

Fatren ficou um momento parado; depois correu em frente e apanhou Venture.

— Ah, estou a ver. Mesmo se sobrevivermos a esta batalha, vamos acabar governados por um tirano.

— Sim — disse Venture.

Fatren franziu o sobrolho. Não esperara que o homem fosse tão franco.

Venture abanou a cabeça, olhando para a cidade por entre a cinza que caía.

— Eu dantes pensava que poderia fazer as coisas de outra forma. E ainda acredito que um dia poderei fazê-las assim. Mas por agora não tenho alternativa. Preciso dos seus soldados e preciso da sua cidade.

— Da minha cidade? — perguntou Fatren, franzindo o sobrolho. — Porquê?

Venture ergueu um dedo.

— Primeiro temos de sobreviver a esta batalha — disse. — Trataremos das outras coisas mais tarde.

Fatren fez uma pausa e ficou surpreendido por constatar que confiava mesmo no forasteiro. Não poderia ter explicado ao certo porque se sentia assim. Aquele era simplesmente um homem a ser seguido — um líder como Fatren sempre quisera ser.

Venture não esperou pelo acordo de Fatren com as “condições.” Não era uma oferta; era um ultimato. Fatren apressou-se de novo a apanhá-lo no momento em que Venture entrava na pequena praça em frente da porta da cidade. Soldados atarefavam-se por ali. Nenhum usava uniforme — a única forma que tinham de distinguir um capitão de um soldado regular era uma faixa vermelha atada ao braço. Venture não lhes dera muito tempo para se reunirem — mas a verdade era que todos sabiam que a cidade estava prestes a ser atacada. Já estavam reunidos.

— O tempo é curto — repetiu Venture numa voz sonora. — Só vos posso ensinar algumas coisas, mas elas farão a diferença.

» O tamanho dos colossos varia entre os pequenos, com cerca de metro e meio de altura, e os enormes que têm cerca de três metros e meio. No entanto, até os pequenos vão ser mais fortes do que vocês. Contem com isso. Felizmente, as criaturas combatem sem coordenação entre indivíduos. Se um camarada de um colosso estiver em dificuldades, ele não perderá tempo a ajudá-lo.

» Eles atacam diretamente, sem manhas, e tentam usar a força bruta para vencer. Não deixem! Digam aos vossos homens para se juntarem contra colossos individuais — dois homens para os pequenos, três ou quatro para os grandes. Não conseguiremos manter uma frente muito grande, mas isso será o que nos manterá vivos durante mais tempo.

» Não se preocupem com criaturas que contornem as nossas linhas e entrem na cidade — teremos os civis escondidos na parte de trás da vossa vila, e os colossos que ultrapassarem as nossas linhas podem dedicar-se à pilhagem, deixando os outros a combater sozinhos. É isso que queremos! Não os persigam para dentro da cidade. As vossas famílias estarão em segurança.

» Se estiverem a combater um grande colosso, ataquem as pernas e derrubem-no antes de avançarem para a matança. Se estiverem a combater um pequeno, assegurem-se de que as vossas espadas ou lanças não se prendem na pele solta deles. Percebam que os colossos não são estúpidos — só lhes falta sofisticação. São previsíveis. Virão contra vocês da maneira mais simples possível, e só atacam da forma mais direta.

» O que é mais importante que compreendam é que eles *podem* ser derrotados. Fá-lo-emos hoje. Não se deixem intimidar! Combatam com coordenação, mantenham a cabeça no lugar e prometo que *sobreviveremos*.

Os capitães dos soldados estavam num pequeno aglomerado, olhando para Venture. Não aplaudiram o discurso, mas pareceram ficar um pouco mais confiantes. Afastaram-se para transmitir as instruções de Venture aos seus homens.

Fatren dirigiu-se em voz baixa ao imperador.

— Se a sua contagem estiver certa, eles têm uma superioridade numérica de cinco para um.

Venture confirmou com a cabeça.

— São maiores, mais fortes e estão mais bem treinados do que nós.

Venture voltou a acenar.

— Então estamos perdidos.

Venture olhou finalmente para Fatren, de cenho franzido, com cinza negra pousada nos ombros.

— Não estão perdidos. Têm uma coisa que eles não têm; uma coisa muito importante.

— E isso é o quê?

Venture olhou-o nos olhos.

— Têm-me a mim.

— Senhor imperador! — chamou uma voz do topo do paredão. — Colossos avistados!

Já o chamam antes de mim, pensou Fatren. Não sabia bem se se sentia insultado ou impressionado.

Venture saltou imediatamente para o topo do paredão, usando aloomância para ultrapassar a distância num pulo rápido. A maioria dos soldados acorava-se ou escondia-se atrás do topo da fortificação, ocultando-se apesar da distância a que os inimigos se encontravam. Venture, contudo, erguia-se orgulhosamente, com a sua capa e uniforme brancos, protegendo os olhos do sol, semicerrando-os na direção do horizonte.

— Estão a montar acampamento — disse, sorrindo. — Ótimo. Lorde Fatren, preparai os homens para um assalto.

— Um *assalto*? — perguntou Fatren, trepando o paredão até junto de Venture.

O imperador confirmou com a cabeça.

— Os colossos deverão estar cansados da marcha e distraídos com a montagem do acampamento. Nunca teremos uma oportunidade melhor para os atacar.

— Mas nós estamos na defensiva!

Venture abanou a cabeça.

— Se esperarmos, eles vão acabar por ficar num frenesim de sangue e depois vêm contra nós. Temos de atacar, em vez de simplesmente esperarmos e sermos massacrados.

— E abandonamos o paredão?

— A fortificação é impressionante, Lorde Fatren, mas no fim de contas é inútil. Não tendes soldados suficientes para defender todo o perímetro e os colossos são geralmente mais altos e mais estáveis do que os homens. Eles vão simplesmente ocupar-vos o paredão e depois controlar o ponto elevado enquanto vos empurram para dentro da cidade.

— Mas...

Venture fitou-o. Os seus olhos eram calmos, mas o olhar era firme e expectante. A mensagem era simples. *Agora quem comanda sou eu.* Não haveria mais discussão.

— Sim, senhor — disse Fatren, chamando mensageiros para transmitir as ordens.

Venture ficou a ver os mensageiros partir numa correria. Pareceu haver uma certa confusão entre os homens — não estavam a contar atacar. Eram cada vez mais os olhos que se viravam para Venture, altivamente em pé no topo do paredão.

Ele parece mesmo um imperador, pensou Fatren, a contragosto.

As ordens foram-se espalhando pelas fileiras. Passou algum tempo. Por fim, todo o exército estava a observar. Venture puxou pela espada e ergueu-a bem alto para o céu salpicado de cinza. Depois, precipitou-se pelo paredão abaixo numa correria sobre-humana, carregando na direção do acampamento dos colossos.

Por um momento, correu sozinho. Depois, surpreendendo-se, Fatren cerrou os dentes contra nervos trémulos e seguiu-o.

O paredão explodiu em movimento e os soldados arremeteram com um berro coletivo, correndo para a morte com as armas erguidas bem alto.

...

Possuir o poder fez-me coisas estranhas à mente. Em poucos momentos familiarizei-me com o poder propriamente dito, com a sua história e com as maneiras como poderia ser usado.

Contudo, este conhecimento era diferente da experiência, ou até da capacidade de usar esse poder. Por exemplo, soube como deslocar um planeta no céu. Mas não sabia onde colocá-lo para não ficar demasiado perto nem demasiado longe do sol.



2

COMO SEMPRE, O DIA DE TenSoon começou nas trevas. Parte disso devia-se, claro, ao facto de não possuir quaisquer olhos. Podia ter criado um conjunto — pertencia à Terceira Geração, portanto era velho, mesmo para um kandra. Digerira cadáveres suficientes para aprender como criar intuitivamente órgãos sensoriais sem um modelo para copiar.

Infelizmente, olhos pouco úteis lhe seriam. Não possuía um crânio e descobrira que a maioria dos órgãos não funcionava bem sem um corpo — e um esqueleto — completo para os suportar. A sua massa esmagaria os olhos se se movesse de forma errada e seria muito difícil fazê-los virar para ver.

Não que houvesse alguma coisa para onde olhar. TenSoon moveu levemente a sua matéria, mudando de posição dentro da prisão. O seu corpo pouco mais era do que um agrupamento de músculos translúcidos — como uma massa de grandes caracóis ou lesmas, todos interligados, um pouco mais maleáveis do que o corpo de um molusco. Com concentração, ele era capaz de dissolver um dos músculos e fundi-lo com outro ou fazer algo de novo. Contudo, sem um esqueleto para usar, estava praticamente impotente.

Voltou a mover-se na cela. A sua pele tinha um sentido próprio — uma espécie de paladar. Naquele momento estava a saborear o fedor dos seus excrementos nas paredes da sala, mas não se atrevia a desligar esse sentido. Era uma das suas únicas ligações ao mundo à sua volta.

A “cela,” na verdade, não passava de um poço de pedra coberto por uma grade. Mal tinha tamanho suficiente para conter a sua massa. Os

seus captores deitavam-lhe comida por cima e despejavam água periodicamente para o hidratar e arrastar os excrementos por um pequeno buraco de drenagem no fundo. Tanto este buraco como os da grade eram demasiado pequenos para se esgueirar por eles — um corpo de kandra era flexível, mas até uma pilha de músculos só podia ser apertada até certo ponto.

A maioria das pessoas teria enlouquecido com a tensão de estar tão confinada durante... nem sequer *sabia* quanto tempo passara. Meses? Mas TenSoon tinha a Bênção da Presença. A sua mente não cederia facilmente.

Por vezes amaldiçoava a Bênção por o impedir de mergulhar no abençoado alívio da loucura.

Concentra-te, disse a si próprio. Não tinha cérebro, não como os humanos tinham, mas era capaz de pensar. Não compreendia esse facto. Não sabia bem se algum kandra o compreenderia. Talvez os da Primeira Geração soubessem mais — mas se sabiam, não esclareciam mais ninguém.

Não te podem manter aqui para sempre, disse a si próprio. *O Primeiro Contrato diz...*

Mas estava a começar a duvidar do Primeiro Contrato — ou melhor, que a Primeira Geração lhe prestasse alguma atenção. Mas poderia censurá-los? TenSoon era um quebrador de Contrato. Ele próprio confessara que violara a vontade do seu amo, ajudando outra pessoa. Essa traição desembocara na morte do seu amo.

Contudo, até um ato tão vergonhoso era o menor dos seus crimes. A punição pela quebra de Contrato era a morte e, se os crimes de TenSoon tivessem acabado aí, os outros tê-lo-iam matado e pronto. Infelizmente, o que estava em causa era muito mais do que isso. O testemunho de TenSoon — apresentado à Segunda Geração em conferência fechada — revelara um lapso muito mais perigoso, muito mais importante.

TenSoon revelara o segredo do seu povo.

Eles não podem executar-me, pensou, usando a ideia para se manter concentrado. *Pelo menos até descobrirem a quem eu contei.*

O segredo. O tão, tão precioso segredo.

Condenei-nos a todos. A todo o meu povo. Voltaremos a ser escravos. Não, já somos escravos. Vamos transformar-nos noutra coisa — autóma-

tos, com as mentes controladas por outros. Capturados e usados, já sem sermos donos dos nossos corpos.

Fora isso que fizera — o que potencialmente pusera em movimento. O motivo por que merecia o aprisionamento e a morte. Contudo, desejava viver. Devia desprezar-se. Mas, por algum motivo, ainda julgava ter feito o que era certo.

Voltou a mudar de posição, com massas de músculo escorregadio a rodar em volta umas das outras. A meio do movimento, no entanto, imobilizou-se. Vibrações. Vinha aí alguém.

Rearranjou-se, empurrando os músculos contra as paredes do poço, formando uma depressão no meio do corpo. Precisava de apanhar toda a comida que fosse capaz — davam-lhe pouquíssima. No entanto, nenhuma aguadilha foi despejada pela grade. Esperou, expectante, até que a grade foi destrancada. Embora não tivesse ouvidos, conseguia sentir as vibrações roufenhas da grade a ser arrastada para trás e o seu áspero ferro a ser finalmente deixado cair no chão, lá em cima.

O quê?

A seguir vieram os ganchos. Enrolaram-se em volta dos seus músculos, agarrando-o e rasgando-lhe a carne ao puxá-lo para fora do poço. Doeu. Não só os ganchos, mas a súbita liberdade quando o seu corpo foi despejado no chão da prisão. Saboreou involuntariamente sujidade e aguadilha seca. Os seus músculos estremeceram, os movimentos ilimitados de estar fora da cela pareceram-lhe estranhos e ele ficou tenso, movendo a sua massa de formas que já quase esquecera.

Depois chegou. Conseguiu saboreá-lo no ar. Ácido, concentrado e pungente, presumivelmente num balde revestido a ouro, trazido pelos carcereiros. Afinal iam mesmo matá-lo.

Mas não podem!», pensou. O Primeiro Contrato, a lei do nosso povo, ele...

Algo caiu sobre ele. Não ácido, mas algo duro. Tocou a coisa com avidez, movendo músculos uns contra os outros, saboreando-a, testando-a, tateando-a. Era redonda, com buracos e várias arestas... um crânio.

O fedor a ácido tornou-se mais cortante. Estariam a mexê-lo? Ten-Soon moveu-se depressa, formando-se em volta do crânio, enchendo-o. Já tinha alguma carne dissolvida armazenada dentro de uma bolsa semelhante a um órgão. Trouxe-a para fora fazendo-a escorrer em volta do crânio, formando rapidamente pele. Deixou os olhos em paz, trabalhan-

do em pulmões, formando uma língua, ignorando por agora os lábios. Trabalhou com uma sensação de desespero enquanto o sabor a ácido se ia tornando mais forte, e depois...

O ácido atingiu-o. Queimou os músculos de um lado do seu corpo, escorrendo por cima da sua massa, dissolvendo-a. Aparentemente, a Segunda Geração desistira de lhe arrancar os segredos. Contudo, antes de o matarem, sabiam que tinham de lhe dar uma oportunidade de falar. O Primeiro Contrato exigia-o — daí o crânio. No entanto, era claro que os guardas tinham ordens para o matarem antes de ele ter tempo de dizer alguma coisa em sua defesa. Seguiam a letra da lei, mas ao mesmo tempo ignoravam a sua intenção.

Contudo, eles não compreendiam o quão rapidamente TenSoon era capaz de trabalhar. Poucos kandra tinham passado tanto tempo como ele em Contratos — todos os da Segunda Geração e a maior parte dos da Terceira já há muito se haviam retirado do serviço. Levavam vidas fáceis ali na Pátria.

Uma vida fácil ensinava-nos muito pouco.

A maior parte dos kandra levava horas a formar um corpo — alguns dos mais jovens precisavam de dias. Em segundos, no entanto, TenSoon ficou na posse de uma língua rudimentar. Enquanto o ácido se movia pelo seu corpo, ele forçou uma traqueia a aparecer, inflou um pulmão, e coaxou uma única palavra:

— Julgamento!

O despejo parou. Continuou a sentir o corpo a arder. Trabalhou, apesar da dor, formando no interior da cavidade craniana órgãos auditivos primitivos.

Uma voz sussurrou ali perto.

— Idiota.

— Julgamento! — voltou a dizer TenSoon.

— Aceita a morte — silvou a voz, baixinho. — Não te ponhas em posição de causar mais mal ao nosso povo. A Primeira Geração concedeu-te esta hipótese de morrer por causa dos teus anos de serviço adicional!

TenSoon hesitou. Um julgamento seria público. Por enquanto, só um grupo seletivo conhecia a amplitude da sua traição. Poderia morrer, amaldiçoado como quebrador de Contrato, mas mantendo algum grau de respeito pela sua carreira anterior. Algures — provavelmente num

poço naquela mesma sala — estavam alguns que sofriam o cativo infindável, uma tortura que acabaria por quebrar até as mentes dos abençoados com a Bênção da Presença.

Queria transformar-se num deles? Revelando os seus atos num fórum aberto, conquistaria para si uma eternidade de dor. Forçar um julgamento seria uma tolice, pois não havia qualquer esperança de defesa. A sua confissão já o condenara.

Se falasse, não seria para se defender. Seria por motivos completamente diferentes.

— Julgamento — repetiu, desta vez num sussurro quase inaudível.

Em certos aspetos, ter tanto poder foi demasiado avassalador, julgo eu. Este era um poder que exigiria milénios a compreender. Refazer o mundo teria sido fácil se se estivesse familiarizado com o poder. Contudo, eu apercebi-me do perigo inerente à minha ignorância. Como uma criança a quem de súbito fosse dada uma força assombrosa, eu podia ter usado demasiada e deixado o mundo como um brinquedo partido que nunca conseguiria reparar.



3

ELEND VENTURE, SEGUNDO IMPERADOR do Império Final, não nascera guerreiro. Nascera nobre — o que, nos tempos do Senhor Soberano, transformara, em essência, Elend num profissional de eventos sociais. Passara a juventude a aprender a jogar os jogos frívolos das Grandes Casas, vivendo o estilo de vida mimado da elite imperial.

Não era estranho que tivesse acabado em político. Sempre se interessara por teoria política e, embora fosse mais um estudioso do que um verdadeiro estadista, sabia que um dia governaria a sua Casa. No entanto, a princípio não fora um rei lá muito bom. Não compreendera que a liderança era mais do que boas ideias e intenções honestas. Muito mais.

Duvido que alguma vez seja o tipo de líder capaz de liderar uma carga contra o inimigo, Elend Venture. As palavras tinham sido proferidas por

Tindwyl — a mulher que o treinara na política prática. Lembrar-se daquelas palavras fez Elend sorrir enquanto os seus soldados arremetiam contra o acampamento dos colossos.

Elend inflamou peltre. Uma sensação tépida — que agora lhe era familiar — desabrochou para a vida no seu peito, e os seus músculos retesaram-se de força e energia adicionais. Engolira o metal pouco antes, para conseguir servir-se dos seus poderes para a batalha. Era um alomante. Isso ainda o assombrava, por vezes.

Como previra, os colossos foram surpreendidos pelo ataque. Ficaram imóveis durante alguns momentos, chocados — embora devessem ter visto o exército acabado de recrutar por Elend enquanto carregava. Os colossos tinham dificuldades em lidar com o inesperado. Achavam difícil compreender que um grupo de humanos fracos e em inferioridade numérica atacasse o seu acampamento. Portanto levaram tempo a adaptar-se.

O exército de Elend usou bem esse tempo. O próprio Elend foi o primeiro a atacar, inflamando o peltre para lhe dar ainda mais poder ao abater o primeiro colosso. Era uma das bestas mais pequenas. Tal como todos os da sua espécie, exibia uma forma semelhante à de um ser humano, embora tivesse uma pele azul demasiado grande e pendente, separada do resto do corpo. Os seus olhos vermelhos, semelhantes a contas, mostraram um pouco de surpresa desumana quando morreu, ao mesmo tempo que Elend arrancava a espada do seu peito.

— Ataquem depressa! — berrou enquanto mais colossos afastavam os olhos das respetivas fogueiras. — Matem o máximo que conseguirem antes de eles entrarem em frenesim!

Os seus soldados — aterrorizados, mas empenhados — carregaram à sua volta, derrotando os primeiros grupos de colossos. O “acampamento” pouco mais era do que um lugar onde os colossos tinham pisoteado a cinza e as plantas e depois escavado covas para fogueiras. Elend viu os homens ficar mais confiantes com os sucessos iniciais e encorajou-os. Puxando-lhes pelas emoções com alomância, tornando-os mais corajosos. Sentia-se mais confortável com aquela forma de alomância — ainda não apanhara bem o jeito aos saltos com metais como Vin fazia. As emoções, por outro lado... isso compreendia.

Fatren, o corpulento líder da cidade, manteve-se perto de Elend quando este levou um grupo de soldados na direção de um grande

aglomerado de colossos. Elend manteve o homem debaixo de olho. Fatren era o governante daquela pequena cidade; se morresse, seria um golpe para o moral. Juntos, investiram contra um pequeno grupo de colossos surpreendidos. A besta maior nesse grupo tinha uns três metros e trinta de altura. Tal como todos os grandes colossos, a pele daquela criatura — em tempos solta — estava agora bem retesada em volta do seu corpo demasiado grande. Os colossos nunca paravam de crescer, mas a sua pele mantinha-se sempre do mesmo tamanho. Nas criaturas mais novas pendia solta e em dobras. Nas grandes, esticava-se e rasgava.

Elend queimou aço e depois atirou uma mancheia de moedas para o ar à sua frente. Empurrou as moedas, atirando o seu peso contra elas, espalhando-as contra os colossos. As bestas eram demasiado rijas para haver alguma certeza de que cairiam por causa de simples moedas, mas os bocados de metal iriam feri-las e enfraquecê-las.

Enquanto as moedas voavam, Elend atacou o grande colosso. A besta pegou numa enorme espada que trazia às costas e pareceu eufórica com a perspectiva de um combate.

O colosso foi o primeiro a brandir a arma e mostrou um alcance assombroso. Elend — tornado mais ágil pelo peltre — teve de saltar para trás. As espadas dos colossos eram coisas gigantescas e abrutalhadas, tão embotadas que eram quase mocas. A força do golpe sacudiu o ar; Elend não teria tido hipótese de desviar a lâmina, mesmo auxiliado por peltre. Além disso, a espada — ou mais precisamente, o colosso que a manjava — pesava tanto que Elend não conseguiria usar alomância para a arrancar das mãos da criatura. Empurrar com aço tinha a ver com peso e força. Se Elend Empurrasse qualquer coisa mais pesada do que ele, seria atirado para trás.

Portanto teve de depender da velocidade e destreza adicionais do peltre. Atirou-se para fora do alcance, precipitando-se para o lado, atento a um golpe de refluxo. A criatura virou-se, silenciosa, olhando para Elend, mas não atacou. Ainda não atingira propriamente o frenesim.

Elend fitou com firmeza o seu gigantesco inimigo. *Como cheguei eu aqui?*, pensou, e não pela primeira vez. *Sou um erudito, não um guerreiro.* Metade das vezes achava que não tinha nada que liderar homens.

Na outra metade das vezes achava que pensava demasiado. Inclinou-se para a frente, arremetendo. O colosso antecipou o movimento e

tentou fazer cair a arma sobre a cabeça de Elend. Este, contudo, estendeu a mente e Puxou a espada de outro colosso — desequilibrando essa criatura e permitindo que dois dos homens de Elend a matassem, Puxando ao mesmo tempo o próprio Elend para o lado. Esquivou-se por pouco à arma do seu oponente. Depois, enquanto girava no ar, inflamou peltre e atacou lateralmente.

Cortou por completo a perna da besta por altura do joelho, derrubando-a. Vin dizia sempre que o poder alomântico de Elend era invulgarmente forte. Elend não sabia bem se seria verdade — não tinha muita experiência com a alomância — mas a força do seu golpe deixou-o aos tropeções. No entanto, conseguiu recuperar o equilíbrio e de seguida decapitou a criatura.

Vários dos soldados estavam a fitá-lo. O seu uniforme branco encontrava-se agora salpicado com o sangue vermelho vivo do colosso. Não era a primeira vez. Elend respirou fundo ao ouvir gritos desumanos que soavam pelo acampamento. O frenesim estava a começar.

— Formar! — gritou Elend. — Formem linhas, fiquem juntos, preparem-se para o assalto!

Os soldados responderam devagar. Eram muito menos disciplinados do que as tropas a que Elend estava habituado, mas fizeram um trabalho admirável aglomerando-se sob as suas ordens. Elend deitou uma olhadela ao chão à frente deles. Tinham conseguido abater várias centenas de colossos — um feito espantoso.

A parte fácil, no entanto, terminara.

— Mantenham-se firmes! — berrou Elend, correndo à frente da linha de soldados. — Mas continuem a lutar! Vão ter de matar o maior número possível o mais depressa possível! *Tudo* depende disto! Façam-lhes chegar a vossa fúria, homens!

Queimou latão e Empurrou-lhes as emoções, acalmando-lhes o medo. Um alomante não era capaz de controlar mentes — pelo menos as humanas — mas *era* capaz de encorajar algumas emoções enquanto desencorajava outras. Vin também dizia que Elend conseguia afetar muito mais pessoas do que devia ser possível. Elend obtivera os poderes pouco tempo antes, diretamente de um lugar que agora suspeitava ser a fonte original da alomância.

Sob a influência do seu Acalmar, os soldados endireitaram-se. Uma vez mais, Elend sentiu um saudável respeito por aqueles simples skaa.

Estava a dar-lhes coragem e a tirar parte do medo, mas a determinação pertencia-lhes. Aquela era boa gente.

Com sorte, conseguiria salvar alguns.

Os colossos atacaram. Como esperara, um grande grupo de criaturas separou-se do acampamento principal e arremeteu contra a vila. Alguns dos soldados gritaram, mas estavam demasiado ocupados a defender-se para os seguirem. Elend mergulhou na refrega sempre que a linha oscilava, escorando o ponto fraco. Ao fazê-lo, queimava latão e tentava Empurrar as emoções de um colosso próximo.

Nada acontecia. As criaturas eram resistentes à alomância emocional, em especial quando já estavam a ser manipuladas por mais alguém. Contudo, quando *conseguisse* ultrapassar-lhes as defesas, poderia tomar completo controlo delas. Isso exigia tempo, sorte e a determinação para lutar incansavelmente.

Portanto foi isso que fez. Lutou ao lado dos homens, vendo-os morrer, matando colossos enquanto a sua linha se ia dobrando nas pontas, formando um semicírculo para impedir as tropas de ficarem cercadas. Mesmo assim, o combate foi terrível. À medida que cada vez mais colossos entravam em frenesim e carregavam, as probabilidades depressa se foram virando contra o grupo de Elend. E os colossos continuavam a resistir à sua manipulação emocional. Mas iam-se aproximando...

— Estamos perdidos! — gritou Fatren.

Elend virou-se, um pouco surpreendido por ver o robusto governante a seu lado e ainda vivo. O homem continuava a combater. Só se tinham passado uns quinze minutos desde o início do frenesim, mas a linha já começava a ceder.

Um ponto apareceu no céu.

— Trouxe-nos para morrer! — berrou Fatren. Estava coberto de sangue de colosso, embora uma mancha no ombro parecesse ser do seu. — Porquê? — quis saber.

Elend limitou-se a apontar para o ponto que ia crescendo.

— O que é? — perguntou Fatren por sobre o caos da batalha.

Elend sorriu.

— O primeiro daqueles exércitos que lhe prometi.

...